

ANEXO I

OS CIGANOS NO BRASIL



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

**DEPARTAMENTO DA
DIVERSIDADE**

A DEPORTAÇÃO DE CIGANOS CALON PARA O BRASIL.

Não há dúvida alguma que os primeiros ciganos que desembarcaram no Brasil foram oriundos de Portugal. Não vieram voluntariamente, mas deportados daquele país. Foi o que aconteceu, por exemplo, em 1574 com um certo João de Torres e sua mulher Angelina, que foram presos apenas pelo fato de serem ciganos. Inicialmente João foi condenado às galés e Angelina deveria deixar o país dentro de dez dias. Alegando, no entanto, que “era fraco e quebrado, e não era para servir em coisa de mar e muito pobre, que não tinha nada de seu”, João pediu para poder sair do Reino, ou então que pudesse ir para o Brasil para sempre. O pedido logo foi deferido e a pena foi mudada para “cinco anos para o Brasil, onde levará sua mulher e filhos” (Coelho 1995). Pergunta-se: quanto suborno o 'pobre' cigano João - 'fraco e quebrado', e tão pobre que “não tinha nada de seu”, e, portanto inútil também na colônia brasileira - teve que pagar para, em tão curto prazo (menos de dez dias!), obter tantos privilégios? O número de filhos não é mencionado, mas devem ter sido alguns poucos, talvez dois ou três, porque certamente não iriam deportar para o Brasil um miserável e desconhecido cigano João, com sua mulher Angelina e uns dez ou quinze filhos. Neste caso, o preço da 'passagem marítima', com direito à sobrevivência (comida e bebida) para todos os membros da família, seria praticamente impagável. Apesar de tudo, por causa deste documento João de Torres sempre é citado como o primeiro cigano a entrar no Brasil. Mas não se sabe se ele realmente embarcou se aguentou a longa viagem marítima, na qual certamente não teve tratamento de primeira classe, ou se chegou ao seu destino, nem aonde desembarcou, nem quanto tempo ficou no Brasil, nem se depois dos cinco anos voltou para Portugal, algo pouco provável. Ou seja, nada, mas absolutamente nada se sabe do destino dele e de sua família. É possível que ele nunca tenha chegado ao Brasil, e que outros ciganos tenham chegado antes dele. E de qualquer forma, se ele realmente embarcou, veio acompanhado apenas pela mulher e alguns poucos filhos e não “liderando um bando de ciganos” ou “chefiando numerosas famílias que o acompanhavam”, como informam alguns autores, que preferiram usar a fantasia em vez de ler o documento original. A deportação de ciganos portugueses para o Brasil, ao que tudo indica, só começou mesmo a partir de 1686. Dois documentos portugueses daquele ano informam que os ciganos deviam ser degredados para o Maranhão (Coelho 1995). Mas também outras capitanias receberam os ciganos. Mello Moraes Filho (1981: 26 [1886/1885]) cita dois documentos de 1718, segundo os quais ciganos foram degredados para Pernambuco e a Bahia, “... ordenando-se ao governador que ponha cobro e cuidado na proibição do uso de sua língua e gíria, não permitindo que se ensine a seus filhos, a fim de obter-se a sua extinção”. Outro documento, também de 1718, informa que em Salvador

os ciganos inicialmente foram alojados no bairro da Mouraria, e posteriormente também no bairro de Santo Antonio d'além do Carmo" (China 1936). Também há registro de ciganos em Pernambuco, Ceará e Sergipe. Pereira da Costa informa que: "... ficaram na capitania [de Pernambuco] vários ciganos, aos quais concedeu o vice-rei, por ordem de 14 de dezembro de 1720, que eles fossem estabelecer a sua moradia em Sergipe del-Rei. Permanecendo em Pernambuco avultado número de ciganos, apesar das ordens em contrário, representa contra eles a câmara de Olinda em 16 de dezembro de 1723, dizendo na carta que dirigiu ao soberano, que viviam eles espalhados pela capitania, cometendo toda a sorte de crimes, principalmente de furtos e assassinatos, e em tal escala, que não se podia mais tolerá-los, concluindo que S. Majestade houvesse de os mandar para o Ceará, onde poderiam prestar algum serviço na conquista do gentio bravio, e ficar assim o povo com algum sossego". Também a Câmara do Recife queixou-se dos ciganos um ano depois (Pereira da Costa 1983: 299-300). Em Minas Gerais a presença dos ciganos é registrada desde o início do Século 18 e, como sempre, são considerados indesejados. Um documento de 1723, de Vila Rica (Ouro Preto) informa que "pelo descuido que houve em alguma das praças da Marinha vieram para estas Minas várias famílias de ciganos", e manda prender todos eles e remeter para o Rio de Janeiro, de onde então seriam deportados para Angola. Não somente manda prender os ciganos, que o documento chama de "ladrões salteadores", mas também seriam presos e degredados para Angola todos aqueles que se encontrarem em sua companhia ou lhes hospedarem em suas casas ou fazendas. Além disto, qualquer cidadão podia prender ciganos e entregá-los na cadeia mais próxima, podendo a pessoa tomar-lhes todos os bens, ouro, roupas ou cavalos. Porém, em 1737 o governador de Minas Gerais adverte: "Pelo que toca a ciganos as queixas que há são só por serem ciganos, sem que se aponte culpa individual... tenho recomendado que prendam e me remetam os que fizerem furtos", ou seja, não qualquer cigano apenas pelo fato de ser cigano. E como tudo que é ruim só podia ser de origem cigana, houve quem suspeitasse que a epidemia de varíola que naquele ano grassava em Minas Gerais tinha sido trazido pelos ciganos (Dornas Filho 1948). Dornas Filho acrescenta longas narrações sobre a ação de salteadores, principalmente na Serra da Mantiqueira, até o final do Século 18, citando inclusive cartas de Tiradentes que, segundo ele, "comandou por mais de uma vez a tropa de assalto ao reduto desses malfeitores, prendendo e matando ciganos às dúzias". Algo que, na época, era motivo até de honrarias especiais. O leitor fica com a impressão que em todos estes casos se trata de ciganos, porém a maioria dos documentos não faz absolutamente nenhuma referência a ciganos, mas apenas a bandidos em geral ou, quando muito, fala de "ciganos e outros malfeitores". Alguns podem até ter sido ciganos, mas com certeza a quase totalidade destes bandidos, assaltantes e assassinos da época eram mineiros não-ciganos. No entanto, sempre quando algo de ruim acontecia e um cigano por acaso

estivesse na redondeza, já se sabia a quem atribuir a culpa. Assim, por exemplo, quando em 1892 se encontrou o esqueleto de uma criança desaparecida, a culpa foi atribuída a ciganos, estes conhecidos “ladroes de crianças” (Dornas Filho 1948). Em 1726 há notícia de ciganos em São Paulo, quando foram solicitadas medidas contra ciganos que apareceram na cidade e que eram “prejudiciais a este povo porque andavam com jogos e outras mais perturbações”, pelo que tiveram que abandonar a cidade dentro de 24 horas, sob pena de serem presos. E em 1760 os vereadores de São Paulo resolveram “que por ser notório que nesta cidade se acha um bando de ciganos composto de homens, mulheres e filhos sendo público terem sido expulsos de Minas Gerais por serem perniciosos naquelas povoações e assim se vieram acolher a esta cidade aonde já vão havendo algumas queixas...”. Também estes receberam um prazo de 24 horas para sair da cidade (China 1936: 404-5). Ou seja, trata-se da velha política de “mantenho-os em movimento”: Minas Gerais expulsa seus ciganos para São Paulo, que os expulsa para o Rio de Janeiro, que os expulsa para o Espírito Santo, que os expulsa para a Bahia, de onde são expulsos para Minas Gerais, etc. Ou seja, o melhor lugar para os ciganos sempre é no bairro, no município ou no Estado vizinho; ou então no país vizinho ou num país bem distante.

5.2. A IMIGRAÇÃO DE CIGANOS ROM DA EUROPA DO LESTE.

Apesar de Torres informar desconhecer qualquer caso de ciganos “estrangeiros” (o que no Brasil significa: não-ibéricos, ou seja “Rom” ou “Sinti”) recém chegados, a sua referência acima ao urso e às atividades de caldeireiros, faz supor que neste caso se tratava não de ciganos Calon, de origem portuguesa, mas de ciganos rom, de origem balcânica, e que então deveriam ter chegado ao país há pouco tempo, já que aqui dificilmente teriam encontrado um urso, animal que não faz parte da fauna brasileira. Um recorte do Diário da Bahia, de janeiro de 1935, informa que “a cidade está infestada de ciganos”, e cita nominalmente a família Michlos, de origem não declarada, mas certamente não-ibérica, e a família Ducas, de nacionalidade russa. Pode-se concluir que, sem dúvida alguma, já no início do Século 20 viviam também ciganos Rom não somente em Salvador, como também em Minas Gerais. Dornas Filho (1948: 28) informa: “Em março de 1909 aparecia em Juiz de Fora uma horda de ciganos, composta de 12 homens, 10 mulheres e 15 crianças que já delata nos meios de vida a influência da reação policial. Tornaram-se exclusivamente (exclusivamente?...) saltimbancos, apresentando animais amestrados (ursos, macacos, cães, etc.) O chefe do grupo, homem alto e corpulento, de cabelos crescidos até os ombros, interrogados pela polícia, não soube explicar-se em português e nem outra língua conhecida, permitindo as autoridades que ele exibisse os seus animais no pátio da cadeia” [grifos nossos]. Ou seja, com certeza não eram ciganos de origem ibérica, mas de algum país

balcânico, e que até trouxeram na bagagem alguns ursos, animais até então desconhecidos no Brasil. Mais adiante Dornas Filho faz referência a ciganos oriundos da Sérvia pertencentes às famílias Anovich, Ivanovich e Petrovich, alguns membros dos quais aparecem constantemente nas crônicas policiais da época. Dois irmãos Anovich massacraram, em 1917, por motivos desconhecidos, toda a família de um cigano grego, incluindo seis filhos menores. Também vários membros da família Petrovich foram, em épocas diferentes e por crimes diversos, presos pela polícia de Belo Horizonte, como também no Rio de Janeiro (Dornas Filho 1948; China 1936). Um longo artigo de jornal de 1936 trata dos ciganos no Rio de Janeiro e nele o autor anônimo faz referência a ciganos, “uma coletividade de excêntricos”, oriundos de países balcânicos, e talvez pela primeira vez alguém informa ao público que os ciganos não são todos iguais, mas têm costumes diferentes: “Em nossa capital, em virtude do serviço de qualificação recentemente criado pela polícia, muitas colônias de ciganos se transferiram para o interior. Com tudo, ainda existem alguns núcleos de zíngaros da Grécia e da Iugoslávia... Os da Iugoslávia, cujo quartel general é [num botequim] na rua Senador Pompeu são ciganos que não trabalham. Os homens passam o dia todo na maior ociosidade; quando não jogam cartas, dormem profundamente. As mulheres é que “trabalham”, iludindo a boa fé alheia e sustentando à custa da “buenadicha” os barbados da família. Os da Grécia, que vivem no Meyer, ... são mais prestativos e obedecem a outros costumes. Os homens geralmente têm profissão e ganham a vida à custa das suas atividades como concertadores e estanhadores de caldeirões e panelas..... As mulheres, entretanto, não deixam de se ocupar com a “leitura da sorte” dos incautos..... Se entre uns e outros difere o modo de vida, em compensação o “habitat” é idêntico. Uma casa de ciganos é igual à de todos os outros. Não tem mobília. Não existe mesa, nem cadeira, nem cama. Mas há abundância de tapetes velhos e imundos, pendendo pelas paredes.... Dormem no chão, ou ... sobre um acolchoado. A roupa de uso se espalha em desordem por todos os recantos da casa. Assim é a moradia dos ciganos que residem em casa de pedra e tijolo. Os ciganos da Grécia, entretanto, preferem passar o tempo nas barracas armadas no fundo do quintal. Trocam a casa pela tenda...” (China 1936: 640-1). Em outro artigo de jornal informa-se ainda que as ciganas, para escapar das perseguições policiais, passaram a instalar-se em locais fixos, anunciando seus serviços nos jornais. Algumas ciganas até requereram „habeas corpus para poderem exercer a sua profissão. Algo que o autor considera um absurdo, pelo que solicita “uma repressão séria, urgente e enérgica da polícia” contra essas “embusteiras e mistificadoras do povo” que “zombam das nossas leis e das nossas autoridades” (China 1936: 647-8). Os dados históricos até hoje disponíveis sobre ciganos no Brasil são comprovadamente poucos, porque, até recentemente, os historiadores brasileiros nunca deram a mínima importância para a História Cigana. O pior, no entanto, é que, quando existem pesquisas históricas, se trata de

dados enviesados, distorcidos pela visão etnocêntrica dos informantes e dos próprios historiadores. Dornas Filho, por exemplo, citando acriticamente documentos policiais que tratam de bandidos em geral e apresentando-os como se fossem ciganos, reforça ainda mais os estereótipos e preconceitos anticiganos dos brasileiros de hoje. Os ciganos costumam ser apresentados como ladrões (de galinhas a cavalos, e inclusive de criancinhas) e assassinos, mas não são apresentadas provas concretas destes supostos crimes. Não se exige que os ciganos sejam apresentados como santos, porque comprovadamente nem todos o são, e sabemos que muitos deles têm algumas ideias diferentes a respeito da propriedade privada alheia. Mas outra coisa é apresentar todos os ciganos como criminosos, sem apresentar prova alguma de delitos ou crimes cometidos por determinados ciganos. Quase todos os documentos policiais apresentados por Dornas Filho provam que os ciganos foram presos ou perseguidos somente pelo fato de serem ciganos, e não por terem cometido algum “crime”. E isto não somente no século passado, mas ainda num passado mais recente. Exemplar é o fato ocorrido em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1940. Um policial vê dois homens andando na cidade, “em atitude suspeita”, e verifica que se trata de ciganos. Apesar de não terem cometido nenhuma infração, nem delito, nem crime, são presos e constata-se que trazem bastante dinheiro. Para a polícia, cigano com muito dinheiro no bolso só pode ser ladrão e por isso o dinheiro é confiscado (isto é, roubado, porque certamente sumiu nos bolsos dos policiais). A seguir, a polícia localiza e prende o resto do grupo, ao todo 16 pessoas. Apesar de informarem “que procediam de São Paulo, de onde haviam sido expulsos pela polícia, sem motivos que justificassem tal medida”, os ciganos “ficaram detidos até às 17 horas, sendo em seguida escoltados por vários investigadores à saída da cidade, conduzidos todos em um caminhão de sua propriedade para fora do município” (Dornas Filho 1948: 35-6). Ou seja, trata-se um caso típico de ciganos perseguidos pelo simples fato de serem ciganos, podendo ser expulsos de qualquer cidade mesmo sem que haja prova alguma de crimes ou delitos por eles cometidos. Na realidade, os documentos citados acima contam mais sobre os preconceitos do que propriamente dito sobre a História dos Ciganos no Brasil, que continua praticamente incógnita. E esta ignorância gera inclusive medo, como prova certo Artur Lobo, ao descrever, em 1901, o encontro de alguns viajantes com um grupo de ciganos: “Os ciganos! Não foi sem um profundo receio que uma mesma exclamação nos escapou, porque bandos de ciganos que percorriam os sertões em medonhas correrias praticavam impunemente roubos e depredações, fugindo à ação da polícia”. [Os ciganos se aproximam e] “se bem que a sua atitude nada tivesse de hostil, nem por isso nos sentimos menos tranquilos e receosos de uma cilada”. [Os ciganos, no entanto, tratam-nos muito bem, convidam para ficar um pouco, ensinam o caminho e no final desejam uma boa viagem]. “Partimos, sabe Deus com que satisfação e alívio, sem procurar saber por que motivo não nos tinha eles

subtraído pelo menos qualquer pequeno objeto de uso; e de longe ainda vimos espalhadas pelo campo afora aquela caravana que assim ia errante pelos sertões, numa vida de cruéis aventuras, sem um destino determinado nem paradeiro certo, deixando atrás de si uma sinistra nomeada de rapacidade e mesmo de assassínios...” (Dornas Filho 1948: 19). Quantos brasileiros, ainda hoje, não sentem o mesmo medo ao ver um acampamento cigano? Por isso esperamos que os historiadores, sociólogos, antropólogos e juristas se sensibilizem com tamanha ignorância e finalmente iniciem estudos sérios sobre a verdadeira história e a situação atual dos Ciganos no Brasil. Quase todos os brasileiros ignoram que já tiveram um presidente cigano, ou descendente de ciganos, o Presidente Juscelino Kubitschek.

FONTE: <https://goo.gl/aeR4sl>